

## GEOGRAFIAS E(M) MOVIMENTO EM TERRAS FESTIVAS – PESQUISAS, COMEMORAÇÃO E HOMENAGEM

*Movement geographies in festive lands – research, celebration and tribute*

Cássio Lopes da Cruz Novo<sup>1</sup>  
 José Arilson Xavier de Souza<sup>2</sup>  
 Carliane Sandes<sup>3</sup>

### RESUMO

Interpretamos movimentos em terras festivas como enlace entre indivíduos e lugares, onde luminosas experiências ocorrem. E como práticas de coser e constituir tramas pelas quais a tessitura das pesquisas apresentadas vai sendo cerzida. Escrevemos em comemoração aos 10 anos da Revista Geograficidade, com a qual nos afeiçoamos a habitar (em leituras e pensamentos). Suas provocações instigaram passos disparados do Nepec-Uerj, ponto fulcral dos encontros, e origem de nossas investigações. Entrelaçamos o caminhar-pela-geografia das festas, celebrando a memória e prestando singela homenagem ao Professor João Baptista Ferreira de Melo. Atravessando terras católicas populares rurais, deslocando-nos por terras ciganas em espaço urbano e transcendendo por terras destinadas a festivais de música eletrônica, alcançamos o lugar onde encontramos João e Nepec. As reflexões finais sugerem geografias circunstanciais nas quais o devir conjura mundos significativos, conferindo sentidos e significados para o ser-festivo, que escolhe, diante de uma miríade de possibilidades, festejar.

**Palavras-chave:** Geografia e Movimento. Geograficidade. Terras Festivas.

### ABSTRACT

We interpret movements in festive lands as a link between individuals and places, where luminous experiences occur. And as practices of sewing and constituting wefts through which the fabric of the research presented is being darned. We write in celebration of the 10th anniversary of Revista Geograficidade, in which we are fond of living (in readings and thoughts). His provocations instigated bold steps by Nepec-Uerj, the focal point of the meetings, and the origin of our investigations. We intertwine the walk-through-geography of the festivals, celebrating memory and honoring scholar João Baptista Ferreira de Melo. Crossing popular rural Catholic lands, moving through gypsy lands in urban space and transcending through lands destined for electronic music festivals, we reach the place where we find João and Nepec. The final reflections suggest circumstantial geographies in which becoming conjures up significant worlds, giving senses and meanings to the being-festive people, which chooses, in the face of a myriad of possibilities, to celebrate.

**Keywords:** Geography and Movement. Geography. Festive Lands.

1 Rede municipal e privada do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, São João de Meriti e Petrópolis. cassiolcnovo@gmail.com.

2 Universidade Estadual do Maranhão (PPGEO-UEMA). arilsonxavier@yahoo.com.br.

3  Rua do Una, nº 156, Belém, PA. 66087-670.  
 3  Doutoranda pelo PPGEO-UERJ. carliane.sag@gmail.com.

 R. São Francisco Xavier, 524, sala 4006, Bloco F, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, 20550-900.

## INTRODUÇÃO

O movimento será pensado como ato humano espacializado e como questão fundante nesta comunicação científica de abordagem humanista cultural em Geografia. Aninhados, sobretudo, na concepção dardeliana de realidade geográfica, e em preceitos da fenomenologia e das filosofias dos significados, empreendemos descrições relativas às geografias que se inauguram e se dinamizam a partir do movimento humano em terras festivas.

Em nossos primeiros passos, fluímos em comemoração aos 10 anos da Revista Geograficidade. E, na confluência dos muitos caminhos que se unem pelas páginas deste periódico, reverenciamos a memória, prestando uma singela e cintilante homenagem ao saudoso Professor João Baptista Ferreira de Melo. Nas convergências, oportunizadas por nossas geografias pessoais, relacionamos nossos movimentos a partir do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), onde fomos orientados pela Professora Zeny Rosendahl (2013), para quem tal Núcleo é **um lugar onde se pensam as ideias e se escreve sobre elas**. Vivenciando esse lugar, aprimoramos ideias e escritas instigadas em direção à Geograficidade, Revista que tem dispensado relevantes contribuições ao alargamento do escopo teórico e metodológico da Geografia. E, há muito, nos atrai, sendo **lugar** para onde direcionamos nossos olhos de pesquisadores, nossa atenção geográfica e nossos desejos e imaginações de estarmos presentes e presentificados em suas páginas.

Assim sendo, ao reconhecemos que nossas pesquisas foram fortemente influenciadas pelo supracitado alargamento, destacamos, portanto, o que chamamos de **Geografias e(m) movimento em terras festivas**. Em síntese, a ideia essencial reside em

problematizar – para investigar – interpretações (geográficas) referentes aos seguintes trabalhos e respectivos campos empíricos: “Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – Natividade (TO)” (SOUZA, 2017); “Espacialidade e Temporalidade em **ser** e **estar** cigano: Santuário de Sara Kali, Arpoador, Rio de Janeiro” (SANDES, 2017); “Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo” (NOVO, 2019).

Fluindo pelas reflexões finais, abordamos o corpo humano – do pesquisador e dos indivíduos pesquisados – mediante perspectivas que o compreendem disponíveis às experiências; estimulados por (suas) imaginações criativas; movimentados e situados em espaço e tempo festivos: Isto é, investimos no **ver e sentir com o corpo todo** como condição para investigar terras vistas-lidas-vividas em termos de **geografias circunstanciais**, terras que recebem as festas e, por suas frestas, vislumbram o **devir**, por nós entendido como potente conjurador de mundos significativos. O mundo vivido de quem festeja se propaga e é experienciado em ondas. E é pela ação dos movimentos, articuladores e dinamizadores de significados para os que escolhem viver a vida em festa, para conferir sentido às suas vidas, que penetramos nas manifestações festivas a seguir para vivê-las. E para geografá-las.

## Do NEPEC-UERJ à GEOGRAFICIDADE

Esta seção é percorrida em afeição comemorativa aos 10 anos da Revista Geograficidade; revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), hospedada na seção de periódicos da Universidade Federal Fluminense (UFF), cujo material acessa-se agora. De inspiração fenomenológica, referência para nós, a

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

Geograficidade é aqui relacionada com os nossos movimentos pessoais a partir do Nepec-Uerj, lugar onde pensamos as ideias de nossas pesquisas e, sob orientação da Professora Zeny Rosendahl, escrevemos sobre elas.

A estes termos, lembramos que, nas tardes de terça-feira, sobretudo entre os anos 2013 e 2016, foi vivenciando a dinâmica de seminários de pesquisa proporcionada pelo Nepec-Uerj, Campus Maracanã, Rio de Janeiro-RJ, que bem miramos a Revista Geograficidade em todo potencial teórico e metodológico. Aliás, “vejam o que a Geograficidade tem produzido” era uma mensagem recorrente nas palavras de orientação da Professora Zeny. Naquele contexto, cada um de nós, e coletivamente, no **saber-fazer** de pesquisas particulares, foi aprimorando o tato – e o **sentir** – para com a noção de **geograficidade**. Nesses percursos buscamos refazer os primordiais passos, assim como propusera Eric Dardel (2011), em relação à visceral conexão dos seres humanos com a Terra. Nossos movimentos de **voltarmos às coisas mesmas**, e à Terra como fonte primordial de nossa inspiração – e movimentações – vinculam-se ao título da Revista citada, a qual homenageamos, especialmente pela sua inestimável contribuição no que concerne à leitura e elucidação filosófico-geográfica da experiência humana sobre e com a Terra.

Nosso ponto de partida e **lugar de fala** é o Nepec: um núcleo de estudos orientado pelas referências da Geografia Cultural, centro organizador dos sentidos e significados de nossas ações no **mundo geográfico**; de nossas existências e do mundo acadêmico de nossas proficiências. É deste lugar, portanto, que nos (re)unimos para acompanhar as sucessivas publicações da Revista Geograficidade, assim como as atividades do GHUM. E da sala do Nepec, entre pausas de nossos movimentos cotidianos, vividas como significativa experiência, imaginamos, enxergamos e criamos oportunidades

para ampliar nossos modos de **ver** e **fazer** Geografia. Dali, transitamos recusando o discurso nada produtivo quanto à diferença entre Geografia Cultural e Geografia Humanista. Assumindo o compromisso de somarmos metodologias, teorias e repensarmos nossos campos empíricos, deixamo-nos movimentar pelos inúmeros pontos de contato entre uma e outra. Assim, na interface, refulgia, ainda mais, a singeleza e a complexidade da Geografia, uma **matéria** necessariamente superposta à realidade objetiva; ora situando os sujeitos no centro da experiência estudada, ora problematizando suas representações simbólicas espaciais.

Da UERJ, por meio da Pós-graduação em Geografia, configurase outro elo entre nós e a Revista Geograficidade. De tal modo, com este escrito, homenageamos, postumamente, um dos precursores da perspectiva humanista nos estudos geográficos no Brasil. Agraciado com o nome João Baptista Ferreira de Melo, o professor ministrante do curso “Lugar e Simbolismo”, caminhou conosco, conduzindo-nos e nos guiando pelas veredas dos pensamentos e referências tuaninas e dardelianas quando fomos seus alunos no ano de 2013. Na ocasião, o Professor João Baptista, assentando lugar, simbolismo e humanismo como palavras-chave do curso, mobilizou artigos científicos alocados na Geograficidade e nos provocou ao encontro do livro “Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia” (MARANDOLA JR.; HOLZER; OLIVEIRA, 2012), publicado no ano anterior. Folheando “O Sentido de Lugar”, como presume o artigo inicial do livro, escrito por Livia de Oliveira (2012), o curso, por sua vez, disparou nossos corpos, arremetendo-lhes em movimentos, para os Roteiros Geográficos conduzidos pelo professor pelas ruas e monumentos do Rio de Janeiro. O curso também incendiou nossas mentes, entre estilhaços de inspiração e luminescências motivacionais, rumo aos nossos campos empíricos, festivamente redesenhados a cada nova influência.

## GEOGRAFIAS E(M) MOVIMENTO EM TERRAS FESTIVAS

A geografia ganha (em) sentido quando o homem se movimenta pela terra. O movimento significa continuidade da vida, exercício pelo qual o homem, de acordo com as suas inquietações, sonhos e possibilidades, redimensiona as direções a seguir (CLAVAL, 2010). “A existência é **movimento**, ela inicia um modo de presença na Terra” (BESSE, 2011, p. 120), de modo que “transita entre o Homem e a Terra uma **interpretação**, uma estrutura e um ‘horizonte’ de mundo” (DARDEL, 2011, p. 47, destaques no original). Uma vez existindo, em movimento, o homem tem a sua geograficidade potencializada, cabendo, por parte dos estudos, sua interpretação.

Remetemo-nos à clássica conceituação de geograficidade, proposta e fundamentada por Dardel (2011, p. 1-2, destaques do original) em “O Homem e a Terra – natureza da realidade geográfica”, cuja sofisticação a compreende como uma espécie de:

[...] geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma **geograficidade** (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino.

Antes de ser lida como conhecimento, a geografia é proposta por Dardel como ato humano. Antes de ser tido como objeto, o espaço geográfico é entendido como base na qual se desenvolve a existência do homem, inexoravelmente destinado a movimentar-se sobre a Terra, assim se revelando ligado a ela. Em outras palavras, a realização do homem não ocorre senão por meio dos seus movimentos, diários

e/ou eventuais, sendo, portanto, pertinente conhecer o mapa de significados (JACKSON, 1989) que o leva de um ponto ao(s) outro(s) em busca do (seu) **lugar**. Se assumirmos a procura, e é isso que aqui nos dispomos a realizar, nos habilitamos a encontrar pistas. Elegemos, pois, algumas obras para tal empreitada.

Em “On the move: mobility in the modern Western world”, Tim Cresswell (2006), com referência no mundo ocidental moderno, discorre sobre mobilidades múltiplas, centrais na experiência do viver na contemporaneidade. Nessa leitura, (re)aprendemos ser ampla a compreensão acerca da noção de movimento humano. No dia a dia, a produção de mobilidades emerge em função – e a partir – das mais triviais operações conseguidas pelas vias do corpo. E, por isso mesmo, muitas vezes é interpretada como um tema **escorregadio**, um objeto de estudo evasivo, ao conjunto de apreciações científicas sociais e culturais mais arraigadas em teorias e metodologias vinculadas à uma ideia de ciência moderna, positivista, linear, materialista e evolutiva. Ainda assim, ou mesmo por isso, ao defender tal estudo, Cresswell (2006) faz reconhecer que a mobilidade é fundamental para se entender o que é, porque foi, e o que tende a ser, o humano. Aciona-se, assim, também a categoria tempo para examinar o espaço.

Os passos de Bondía (2002, p. 21 – destaques do original) convergem aos de Cresswell quando aquele afirma: “pensar não é somente **raciocinar**, ou **calcular** ou ‘**argumentar**’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. E, por isso mesmo, inscreve-nos em um exercício existencial constante de viver nossas experiências em uma tarefa de conferir sentido a elas (BONDÍA, 2002). Nesses compassos, não

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

apenas os deslocamentos para as festas, e aqueles ocorrentes nas festas, nos interessam. Também nos dedicamos a interpretar os sentidos (d)e movimentos presentes quando se nomeia uma festa, quando se fala sobre um evento geográfico festivo e sobre as ações nelas efetuadas.

Entendemos, sob a perspectiva por nós adotada, que os pensamentos, assim como os afetos, são postos em movimento. Investindo por essas veredas, incorporamos em nossas reflexões e interpretações alguns dos significados expressos por palavras capazes de reunir imaginações geográficas de pessoas as quais, envoltas com o ato de festejar, se tornam agentes modeladores do espaço geográfico, sobretudo quando, em acordo com Bondía, (2002, p 21), entendemos que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”.

Nessa esteira, Cresswell (2006) aborda a mobilidade como faceta geográfica fundamental da existência humana que, à sua maneira, representa um fenômeno a partir do qual narrativas – de vidas e de lugares – podem ser (re)construídas. Por essas trilhas, inspirados em Merleau-Ponty (2006), permitimo-nos inferir que, junto ao corpo humano, mobilizam-se ideias, anseios, imaginações, mais ou menos criativas, que vão sendo (re)descobertas em potencial durante o **acontecer** dos **passos**. Mecânicos, vistos sob determinada perspectiva. Conscientes ou não, observados por outro ângulo. Mas sempre **passos** em relação orgânica com a Terra. E essa constatação nos lança, de volta, à gramática dardeliana.

No universo dos movimentos humanos visando à (re)construção de si e do mundo, chegamos ao extraordinário daquilo que estamos chamando de **geografias e(m) movimento em terras festivas**:

situações espaço-temporais qualificadas pela capacidade e criatividade humana de se movimentar por parcelas de terras (re)configuradas por caracteres festivos, cuja ideia, reconfortante, encerra – e amplia – o encontro com outros membros de um mesmo grupo cultural e com o lugar imaginado e praticado festivamente. Acompanhando os passos de Turner (1974, 2008), percorridos e interpretados por St. John (2014), esses grupos são entendidos como *communitas* festivas reunidos num lugar. O lugar, para nós, é vivido e significado para além do **caos**. Seguimos, então, as proposições de Relph (2012) e Tuan (2013), pelas quais o lugar é compreendido como *locus* (do) vivido, e entendido como centro organizador dos sentidos e significados daquilo que ocorre ao conjunto dos participantes reunidos para festejar, assim como daquilo que **nos acontece** (BONDÍA, 2002). O lugar como centro luminoso da experiência festiva.

Assumimos geografias, no plural, aqui expressas como impulsionadoras e refletoras dos movimentos a elas associados pelos participantes dos festejos. Esses produzem e projetam suas geografias na medida em que são capazes de imaginá-las como *terrae incognitae* (WRIGHT, 2014) ou como terras previamente conhecidas em ritos e atos festivos pretéritos para as quais se deseja intensamente **retornar**. Imaginações geográficas encarnadas na **presença** corporal de **seres que festejam** no mundo, adotando atitudes eufóricas e de extravasamento. Ou silenciosas e introspectivas. Ou, ainda, a alternância entre distintos e variáveis modos de festejar e se comportar nas festas. Persequimos geografias incessantemente vividas no individual e no coletivo, envoltas por ambiências permissivas e abertas ao **devir**. Os exemplos são múltiplos. Elegemos três, por onde, ainda que brevemente, também conheceremos fundamentação teórica para sustentar as reflexões ventiladas acima.

## MOVIMENTOS FESTIVOS E(M) TERRAS CATÓLICAS POPULARES RURAIS: RASTROS NA ROMARIA DE NOSSO SENHOR DO BONFIM, NATIVIDADE - TO

Mesmo com os hiatos intencionais nessa escrita, as terras agora repercutidas dizem respeito à realidade brasileira, a considerar as ações desenvolvidas, desde 1500, pela Igreja Católica Apostólica Romana, período a partir do qual essa Instituição exerceu explícito projeto de poder, impregnando o espaço brasileiro de marcas evangelizadoras, fazendo surgir, pela paisagem, um território material e imaterialmente complexo. Em tal contexto, o Estado funcionou como agente legitimador do processo de ocupação do espaço (AZEVEDO, 2004).

De certo é que os ecos persistentes da colonização nos trouxeram até os dias atuais e o fenômeno católico-religioso no Brasil foi conhecendo estratégias populares emblemáticas. Em áreas rurais, as maneiras de manutenção da fé foram consubstanciadas de crenças locais e projeções pessoais, não raro desviantes dos discursos oficiais, o que não quer dizer que a cultura local não reflita alto nível de sacralidade (ROSENDAHL, 1996). Centradas, especialmente, nas figuras dos santos, as práticas de rezas, promessas, romarias e peregrinações foram dando cabo a um catolicismo pelo qual os centros de peregrinação se fizeram valer como geografias movimentadas em termos festivos. **Brasil adentro**, terras dessa natureza, condensadas de valores existenciais, há tempos enlaçam sujeitos em suas trajetórias espaciais.

Pelos rastros de tais geografias, chegamos, porque também fomos enlaçados, à terra da Romaria de Nosso Senhor do Bonfim, Natividade, Tocantins, um arranjo espacial de caráter católico popular rural, cujas problematizações por nós realizadas têm como fonte a

tese “Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – Natividade (TO)” (SOUZA, 2017) e, fruto desse material, o artigo “A geografcidade no caminhar de peregrinos” (SOUZA, 2018), publicado nesta Revista – a Geografcidade. Assim como na tese e no artigo, aqui as peregrinações a pé são o tema privilegiado. A Romaria ocorre entre 5 e 15 de agosto, dias nos quais as peregrinações se realizam. Fora desse tempo, dificilmente encontrará movimentações de peregrinos por ali.

Saltando aos nossos olhos, as peregrinações a pé na **Romaria do Bonfim** anunciavam, e com grande força, que se pisava em terras católicas populares, onde os sacrifícios realizados com o corpo abrangiam parte significativa da festa religiosa, do ato de festejar a santidade e compartilhar a vida. Refletir o sentido de caminhar em peregrinação apresentou-se, assim, como questão motora e como a poesia da tese em tela: fresta que nos permitiu ver e sentir a referida prática como uma eficaz ascese feita com o corpo, um corpo-paisagem, testemunha de uma terra festiva.

Em campo, anotamos: peregrinando o homem tem uma experiência geográfica essencial. Movimentando conscientemente o corpo, desenvolve uma relação íntima com a Terra enquanto lugar e paisagem, ao mesmo tempo em que se transcreve para o mundo (HOLZER, 2011). Pisando uma Terra adjetivada, qualificada pelos impulsos da fé-fio condutor(a) de seres humanos, o peregrino reconhece passos de significados metafísicos. Ao se pôr a caminho, recusa a conservação da sua vida. Com os pés, **escreve** na Terra o seu modo de pensar e proceder com o mundo. Com o corpo, em correlação à sua posição no cenário sociocultural, articula uma forma subversiva aos valores e sentidos morais e éticos (TURNER, 2008).

Com outras palavras, registramos a existência de laços sensíveis do peregrino com o espaço pelo qual transcorre a sua peregrinação.

A tal ponto que ele caminha para tornar a vida mais significativa. Projetando-se numa condição usual da fé, estabelecendo por vezes laços contratuais com a santidade, o peregrino imagina estabelecer contato com outros mundos e, simbolicamente, o faz, sem tirar os pés do chão – referimo-nos à ideia de que a vida terrena não deixa de ser referência.

Com efeito, as peregrinações parecem recomendar uma investigação sobre as representações referentes a tal espessura do caminhar. Daí, para usarmos duas noções da obra de Dardel, seria interessante, imaginamos, antes de tudo, situarmos o corpo, e o suporte material em que o peregrino se apoia, ou seja, o seu **espaço primitivo** – a casa, a cidade natal, o horizonte que lhe é familiar, de onde ele é instigado a procurar outras terras (HOLZER, 2011) –, para assim refletirmos sobre a sua **situação** – “‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o **lugar** de sua existência” (DARDEL, 2011, p. 14, destaques no original). **Espaço primitivo** e **situação** seriam assim noções fundamentais à compreensão daquilo que chamamos de geograficidade religiosa.

Admitimos, de tal modo, que as peregrinações a pé exprimiam uma geograficidade extraordinária, um modo de ser-e-estar-no-mundo, representando um caso paradigmático de experimentação do espaço. Na ampliação do entendimento, ao relermos Merleau-Ponty (2006), dizemos das peregrinações a pé como sendo um modo de ser-e-estar-em-movimento-no-mundo, movimento que, no Brasil, encontra raiz na cultura religiosa instituída pelos portugueses, cultura que deixou rastro pelo Tocantins, terras católicas que, numa relação direta com o sagrado, foram adicionadas pelas religiosidades criativas do seu povo. “Tal relação é normalmente regida pelo princípio do *ut es*. Há um tempo social em que a fé popular como que se adensa

e dá a ver toda a sua complexidade; é o tempo da festa” (DA MATA, 2002, p. 65).

Coloquemos em questão ainda que o tempo da festa religiosa ganha em complexidade quando se tem em mente que a escala das peregrinações a pé transbordam as terras dos centros de peregrinações em si, tocando as vidas, histórias, necessidades e decisões do peregrino, devendo, portanto, margear itinerários construídos individualmente. Pelas nossas experiências empíricas, afirmamos que a cena de peregrinos marchando em direção a um lugar sagrado comporta a mensagem subliminar de que os objetivos são subjetivos, que os valores morais e espirituais orientados pelo sistema religioso, no caminho, são traçados por outras pegadas: pelas pegadas de quem caminha. Os rastros dessas situações espaciais o vento leva. Disposto a encontrar o peregrino, o geógrafo ensaia caminhar junto para interpretar.

É preciso descer ao encontro e conhecer as narrativas de vida e saber das **situações** que fazem do homem peregrino, alguém que, por um período, deixou o seu **espaço primitivo**. Conseguir decodificar os preceitos religiosos envolvidos, e se necessário, realmente caminhar junto, é oportuno para se aproximar da inalcançável essência do fenômeno. Apontada por Martin Heidegger (2017) como a verdade constituidora do ser, a essência seria uma espécie de força que leva ao agir (SARAMAGO, 2008). Então, por essência, caminha-se em peregrinação: um projeto de vida,

experiência como um tipo de **fulguração do ser**, de um começo absoluto do existir, que faz do encontro com a Terra muito mais do que um espetáculo banal e insignificante: uma ultrapassagem da mediocridade cotidiana, um sobrevoo de si, uma evasão para uma nova dimensão do ser (DARDEL, 2011, p. 45 – destaques do original).

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

Assim, fica claro que o peregrino religioso admite um caminhar. E assume um caminho que envolve codificações festivas e sagradas também de sua criação. Por essa perspectiva, poderíamos dizer que, em acordo e com a permissão da divindade, a Terra é sua. Aliás, a Terra é movimentada, e festivamente, por muitos de nós, seus habitantes. Rastreamos agora os passos do povo cigano.

#### **MOVIMENTOS FESTIVOS E(M) TERRAS CIGANAS EM ESPAÇO URBANO: RASTRS DA CAMINHADA DOS CIGANOS PEREGRINOS AO ENCONTRO DE SANTA SARA KALI**

Vem  
Vem caminhar  
Com os ciganos da terra  
Com os ciganos do mar  
Santa Sara Kali  
Abençoe esta terra  
Com alegria e amor  
Prosperidade e fé  
Bate palma cigano  
Bote o pé na estrada  
Com o olhar adelante  
Alegria a caminhada  
Salve o sol e a lua  
Salve a fé na família  
Salve a estrela cigana  
Com sua força e harmonia.  
Rosa Amarela, 2019.

A caravana cigana segue com a proteção de Sara.

A canção intitulada “Vem Caminhar” da artista cigana Rosa Amarela, inaugura esta seção do artigo. Em seus versos, a música nos conduz ao sentido e significado de **ser** e **estar** no mundo do povo cigano.

Caminhar para esse povo traduz muito mais do que um verbo de ação: concebe e expressa as experiências e modos de vida deste

grupo cultural (MEDEIROS; BATISTA, 2015). Seja pelo mar ou em deslocamentos pelo continente, os caminhos e as travessias dos ciganos devotos de Santa Sara Kali, têm como destino aportar em terras sagradas onde a fé tem o seu lugar (SANDES 2017).

A pausa no movimento (TUAN, 2013) desses corpos ciganos entrelaça dois solos sagrados para os integrantes do grupo. Unidos pela travessia de um oceano, fazem da festa um lugar e um momento de celebração dos seus valores e crenças, assim como a celebram na dimensão política e social da união e valorização do seu povo (SANDES, 2020). Embasada pela dissertação “Espacialidade e Temporalidade em ser e estar cigano: Santuário de Sara Kali, Arpoador, Rio de Janeiro”, apresentada e defendida em 2017. O Parque Garota de Ipanema localiza-se na zona sul da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. E possui aspectos, elementos e características singulares que nos permitem tecer considerações acerca de sua importância, material e simbólica, para as dinâmicas, espacialidades e temporalidades do povo cigano.

O município em tela está, historicamente, comprometido com os fluxos usualmente presentes em lugares cuja centralidade os atrai e os emite. Mesmo após a perda da capitalidade de regimes imperiais e republicanos, a cidade seguiu como ponto nodal de convergência de interesses os mais variados. As interações sociais em seu espaço geográfico possibilitaram a circulação e manutenção de riquezas, assim como a permanência de pluralidade, nas dimensões políticas, econômicas e culturais circulantes pela cidade. Não obstante, também houve o agravamento de tensões e conflitos oportunistas pela complexidade das dinâmicas ocorrentes em uma localidade que se permite participar, como cenário e agente, de uma série de encontros entre pessoas e seus modos de ver e viver a vida através dos séculos.

Desta rica e complexa trama de relações pinçamos uma que nos permite investigar, contemporaneamente, aproximações entre grupos que se conectam, a partir de suas crenças, aos modos ciganos de ser-e-estar no mundo. Ainda que estejam separados por um oceano, Notre Dame de L’Mer e o Parque Garota de Ipanema se constituem em dois importantes lugares para grupos ciganos. Superando a distância geográfica, e manipulando distintas temporalidades, esses sujeitos vivenciam a fé nos lugares e tomam o espaço de **além-mar**, em sua materialidade e simbolismo, como elementos geográficos da narrativa adotada para se reconhecerem no mundo e o transformá-lo a partir dos valores e significados que lhes são inteligíveis.

**Os Rom, os filhos do vento, das estrelas e do luar**, constroem, através de suas mobilidades e suas crenças, entrelaçamentos vividos e significados na diáspora da travessia Atlântica, enlaces capazes de ligar Brasil e França. Os indivíduos e os lugares, encruzados e fortalecidos pela manifestação da fé no espaço, transformam espaços em lugares de adoração a uma santa. Sara, a santa de pele escura, é reconhecida como padroeira do povo cigano. E é reverenciada por **Roms** de diferentes etnias e nacionalidades por todo o planeta, especialmente em lugares como o Rio de Janeiro e Saint Marie de L’Mer. Em ambos ocorre a manifestação da fé de indivíduos em eventos geográficos festivos. Nessas ocasiões, as festas, inscritas no tempo e no espaço, se tornam potentes manifestações culturais capazes de contar, atualizar e (re)afirmar a história de um povo, bem como suas memórias, identidades e religiosidades enquanto fundamentais ferramentas de coesão social (SILVA, 2013).

Inspirados pelas brasas e chamas das fogueiras que ardem em acampamentos ciganos, o conceito lugar é iluminado pelo viés da ciência geográfica. Destacamos sua importância para interpretar as complexas e profundas relações dos seres humanos entre si e

com o meio onde vivem, significam e com o qual interagem criando suas histórias espaciais (CRESSWELL; MERRIMAN, 2011). Neste percurso privilegiamos simbolismos, sentimentos e valores, além das experiências vividas, em movimentos, por estes indivíduos em uma determinada parcela do espaço geográfico em um espaço-tempo oportuno, qualificado em lugar, através da vivência festiva. Como na canção que abre esta seção do texto, fomos abrindo os caminhos de modo a dedicarmos nossa atenção aos modos como os integrantes deste grupo estabelecem relações de pertencimento e afetividade entre si e com os lugares a partir das vivências religiosas. Botamos o pé na estrada e caminhamos com os andarilhos do vento por terras ciganas em espaço urbano, atentos aos rastros de suas peregrinações ao encontro de Santa Sara Kali.

Após as peregrinações e festejos das religiosidades populares em áreas rurais e das festas e travessias de ciganos em áreas urbanas de cidades litorâneas, rastreamos as geografias e(m) movimentos das imaginações (geográficas) e das trajetórias espaciais dos festivaleiros na Terra do Amanhã.

#### **MOVIMENTOS FESTIVOS E(M) TERRAS DE MÚSICA ELETRÔNICA: RASTROS DOS CIDADÃOS DO AMANHÃ NO FESTIVAL TOMORROWLAND**

Como é possível viver intensamente, no presente de então, a Terra do Amanhã? É indispensável **estar presente** no lugar festivo para **ser** participante de um festival de música eletrônica cujo nome remete ao futuro? Este compêndio de palavras, reunidas em sentenças interrogativas, nos impele ao movimento de busca no intuito de decifrá-las. Uma vez assumida essa persecução, ou seja, o início desse movimentar-se ao encontro de respostas, é preciso que nos disponibilizemos a ser habitados, como sugere Heidegger (1954),

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

por **aquilo** que nos interroga. Sim, é possível sermos habitados por palavras, ideias e sonhos. E, por extensão, por questionamentos como os enunciados acima. Especialmente se, em contrapartida, nos disponibilizamos para habitar as palavras que pronunciamos, as ideias que nos surgem e os sonhos que projetamos.

Lançados ao fenômeno festivo, com nosso interesse e atenção, o reverso nos alcança. E o fenômeno se volta para nós, em igual medida, para nos interrogar. E, ainda, para nos questionar: quais sentidos e significados existem para que nos coloquemos em movimentos para as festas? E, em especial, para o festival “Tomorrowland”. Iluminamos, desde já, a necessária atenção ao plural no exame destes movimentos. Assumindo o segundo parágrafo desta seção como um segundo passo e, ainda, como lugar de alocação de nossos pensamentos, em forma de texto, encaminhamos o seguinte pensamento: um festival como o “Tomorrowland” só é possível mediante a confluência de múltiplos movimentos, em inúmeras temporalidades, possuidores de motivações, destinações e significações as mais variadas. Assim como as frequências, distâncias e modos de realização dessas movimentações devem ser assumidas em suas diversidades também.

Fruto das reflexões oportunizadas pela tese “*Tomorrowland: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo*” (NOVO, 2019) sabemos que o festival é realizado anualmente no município de Boom, na Bélgica desde 2005; já ocorreu na floresta de Chattahoochee Hills, no estado da Geórgia, nos Estados Unidos, entre 2013 e 2015, sendo batizado como “TomorrowWorld”, em Itu, município do estado de São Paulo, Brasil, nos anos 2015 e 2016 e, desde 2019, em L’Alpe d’Huez, estância de esqui na França, em edição especial de inverno denominada “Tomorrowland Winter”. As diversas nomenclaturas adotadas, nas distintas localidades que receberam o festival, revelam a geograficidade

presente nos modos como seus organizadores vinculam a marca do evento geográfico festivo que produzem com os predicativos materiais e simbólicos dos lugares e sociedades que os hospedam por dias e noites de bombardeios multissensoriais, e com a concretude da experiência dos participantes.

Os modos como são nomeados disparam imaginações (geográficas) concernentes aos mistérios que a Terra do Amanhã, o Mundo do Amanhã e a Terra do Amanhã Invernal encerram. Nomear o festival é afastá-lo de sua essência para promover sua existência. Habitamos palavras que habitam **coisas** que habitam lugares aos quais nos vinculamos e nos quais nos reconhecemos. Para serem (re) conhecidos, os participantes precisam se deslocar ao encontro dos festivais. E quando os nomeiam, imaginam e falam a seu respeito, já estão se **direcionando** ao seu encontro. Os movimentos, assim como os seres que os perfazem enquanto modalidades geográficas de suas próprias existências corporificadas, são múltiplos. Diversos. Plurais. E em festivais como o “Tomorrowland”, onde e quando experiências memoráveis acontecem, as geografias e(m) movimentos **nos acontecem** de maneira especial. Singular. Sublime.

### MOVIMENTANDO IMAGINAÇÕES GEOGRÁFICAS

Reconhecemo-nos, enquanto **seres-no-mundo** que somos, pelos modos como nos permitimos **ser** e **estar** no espaço geográfico (DARDEL, 2011). Compreendemos nossa existência pela mediação da imaginação criadora (BACHELARD, 1998) e o **notar** de nossas próprias experiências (BONDÍA, 2002). O **ser** se lança à autocompreensão por intermédio de atividades imaginativas em razão das quais Kierkegaard (1979, p. 208) sinaliza uma busca radical, empreendida por cada indivíduo, em torno de si mesmo, como atividade constitutiva

do modo de ser da própria humanidade. Assim, uma espécie de identidade primitiva, ou primordial, subjaz no íntimo dos indivíduos. Para Kierkegaard essa identidade nos habita na dimensão do sonho. Este sonho, porém, se entendemos que se presta a nos habitar (HEIDEGGER, 1954) e em nosso *ser*, de MORAR-se, nos incita a buscar, enquanto modalidade do desejo, o **vir-a-ser-si-mesmo** que nos permitimos, eventualmente, descobrir existir/construir em nós.

O festival se oferece para ser habitado, inicialmente, na dimensão dos sonhos, desejos e devaneios. E, desse modo, convida seus participantes a aceitarem o convite para estarem presentes em suas edições. Para integrantes de *communitas* festivas (TURNER, 1974; 2008), especialmente os membros de **neotribos** urbanas contemporâneas (MAFFESOLI, 2010) que se reúnem para festejar música eletrônica em sociedades de fim de semana (ST. JOHN, 2014), esse convite age como uma espécie de **chamado**. Um chamado para presenciar momentos memoráveis no lugar imaginado (NOVO, 2019). As geografias descortinadas a partir dessas arremetidas fenomenológicas constituem, segundo Serpa (2019), **ontologias do espaço**, revelando e moldando “um espaço que se cria e se produz individual e socialmente **em situação** e a partir da ação de **seres humanos posicionados no mundo**” (SERPA, 2019, p. 23 – destaques do original).

Os pensamentos acima expostos evidenciam, por intermédio de uma chave de interpretação humanista cultural acerca dos movimentos efetuados pelos corpos dos participantes em terras e temporalidades festivas, que mobilidades surgem, são disparadas e influenciadas, primordialmente, na dimensão das subjetividades que esses indivíduos apresentam. Tornadas desejos, são capazes de se constituírem em chamados para a ação, promovendo deslocamentos pelo espaço. Os modos como subjetividades emergem para

influenciarem interações dos participantes entre si no lugar festivo e com o lugar festival, são identificadas, sentidas, processadas e significadas. E nos desafiam a ser geograficamente interpretadas.

Para Kierkegaard (1968) a ideia de movimentar-se lançado em possibilidades múltiplas é preciosa. E dela decorre a noção de que o sonho que se persegue como possibilidade de ser realizado e, por conseguinte, nos permitir revisitar aquela identidade primitiva, manifesta-se com etapa presente durante o **caminhar** do indivíduo em sua existência (KIERKEGAARD, 1968). Os participantes do festival “Tomorrowland”, denominados pela organização do evento como Cidadãos do Amanhã, sentem, a todo instante, o **peso** de escolher diante das possibilidades que têm diante de si. Estar presente, participar de uma edição do festival, constitui-se em ponto luminoso das trajetórias festivas e existenciais de muitos dos participantes, especialmente quando comparadas ao fluxo ordinário de outras ações ocorridas em suas vidas (NOVO, 2019). Aceitar o convite, atender ao chamado e abrir-se à possibilidade de participar do festival aciona uma série de noções e práticas relacionadas a distintas mobilidades do **ser-no-mundo**.

Essa é uma noção fundamental para Kierkegaard, retomada e (re)trabalhada por Sartre (2015), Heidegger (2017) e outros filósofos existencialistas (CERBONE, 2003). A imaginação, para além de campo inesgotável de possibilidades, age como faculdade fundante para a vida humana se realizar em ato (DARDEL, 2011). Em outras palavras, assume-se como condição de possibilidade para que demais faculdades humanas possam se apresentar como efetivamente realizáveis. Assim, indivíduos e grupos exercem suas atividades, interagindo entre si nos espaços de convivência, até mesmo os festivos, e com os lugares com os quais vão cerzindo a trama existencial que os individualiza, possibilitando-lhes elevar-se

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

da condição de ordinários seres vivos, superar a situação de sobreviventes da rotina acelerada e repetitiva do mundo moderno (BONDÍA, 2002), e se tornarem seres **supraviventes** (RUFINO; SIMAS, 2018; NOVO, 2019), no contexto têmico-espacial da Terra do Amanhã.

No “Tomorrowland”, organizadores e festivaleiros imaginam o lugar desejado e, conseqüentemente, abrem-se ao campo de possibilidades de transformar espaços e paisagens de acordo com sonhos, devaneios e imaginações geográficas do lugar onde pretendem **estar**. As imaginações (geográficas), por sua vez, se constituem como condições primárias para os deslocamentos dos sujeitos pelos espaços do festival, participando dos modos como interagem com as paisagens e, também, com os demais participantes. Para imaginar é preciso, antes, ter vivido a experiência de mundo primordial que nos acompanha e nos define como seres humanos que somos (DARDEL, 2011; HOLZER, 2012). A ideia de mundo condiciona e possibilita o estabelecimento da noção, cara à geografia humanista cultural fundamentada em aportes fenomenológicos, de mundo vivido (HOLZER, 2012). E o faz assumindo o **ser-no-mundo** a partir de suas individualidade e corporeidade. E, também, em relação aos modos como o *ser* se reconhece (no) mundo a partir da concretude de suas experiências quando reflete sobre o seu existir e os sentidos e significados dessa existência para si e para o mundo (DARDEL, 2011; HOLZER, 2012).

A escolha dos nomes “Tomorrowland” (Terra do Amanhã) e “TomorrowWorld” (Mundo do Amanhã) expressam a geograficidade desse mundo imaginado em sonho, projetado no espaço, inscrito nas palavras e vivido em acontecimentos memoráveis. Em síntese, só é possível imaginar o festival, ou ter consciência do **existir**, se há abertura para se experimentar *este* mundo. *Este* mundo que se configura

de modo único, singular e subjetivo, na relação que cada indivíduo passa a construir com o lugar onde **deseja estar**. Desta relação de descoberta primordial, ou seja, desta geograficidade (DARDEL, 2011), derivam todas as demais sensações e ações humanas no espaço geográfico.

Nesse sentido, as estratégias mercadológicas praticadas pela empresa detentora do festival, especialmente as que envolvem produção e lançamentos, estrategicamente pensados em específicas temporalidades relacionadas com o devir festivo, cooperam para capturar e projetar imaginações geográficas de participantes. O *teaser trailer*<sup>1</sup> oficial, além da função primeira de revelar o tema da edição vindoura, atua como gatilho por intermédio do qual as imaginações geográficas são disparadas, passando a circular entre os festivaleiros. Para quem os recebe como chamados para a ação, a festa passa a **acontecer** – inclusive na disputa de seus sentidos e significados – meses antes dos portões serem abertos e os corpos se reunirem para festejar coletivamente. Essas ações integram o complexo das estratégias de afetação dos participantes em termos da ansiedade do que há por viver dentro em breve. Assim como de viabilização mercadológica

1 O *teaser trailer* é um vídeo publicitário desenvolvido especificamente para uma determinada edição do festival. O termo *trailer*, no sentido aqui empregado, não é novidade para a audiência brasileira. Cinemas, programação televisiva, agências de publicidade, muitos já utilizam este recurso para apresentar uma parte de um todo convidando os espectadores/consumidores a conhecer o restante. O conceito de *teaser*, porém, consiste em uma técnica utilizada na área de *marketing* cujo objetivo primordial é atrair e “capturar” um público determinado a partir de um conteúdo específico. Em geral estrutura-se no início da campanha e fundamenta-se a partir de mensagens enigmáticas, altamente provocativas, cujo efeito sobre a audiência é despertar o interesse, causar alvoroço, ansiedade, estimular o desejo e o sonho. Em outras palavras, provoca a imaginação da audiência, atraindo-a para a ideia ali apresentada e capturando-a de maneira a mantê-la interessada o suficiente para que algum tipo de ligação aconteça entre as partes envolvidas para além do momento da visualização da peça publicitária.

do mesmo, especialmente no contexto da Era da Experiência (PINE; GILMORE, 1998) e do consumo de luxo (LIPOVETSKY, 2005) no âmbito dos quais o festival se insere.

A imaginação, nesse sentido, participa continuamente, fazendo-se presente, quando sujeitos compreendem a si mesmos e aos outros com os quais se relacionam. No contexto espaço-temporal do festival isso ocorre no lugar festivo onde os sentidos são criados e os significados são percebidos e construídos, a partir das sensações e dos sentimentos ali vividos. As criações humanas são mediadas pela capacidade de sonhar e pela faculdade imaginativa. Para Kierkegaard (1979, p. 208):

é certo que o imaginário depende em primeiro lugar da imaginação; mas esta toca a seu turno no sentimento, no conhecimento, na vontade, de modo que é possível ter-se um sentimento, um conhecimento e um querer imaginários. A imaginação é geralmente o agente da infinitização, não é uma faculdade como as outras... mas, por assim dizer, é o seu *proteu*. O que há de sentimento, conhecimento e vontade no homem depende em última análise do poder da sua imaginação, isto é, da maneira segundo a qual todas as faculdades se refletem: projetando-se na imaginação. Ela é a reflexão que cria o infinito [...] a imaginação é reflexão; reproduz o *eu* e, reproduzindo-o, cria o possível do eu; e a sua intensidade é o possível de intensidade do eu.

Entender a passagem acima pela perspectiva da festa como campo de possibilidades que se abre a rompimentos com o cotidiano e se oferece como via de acesso ao mágico e ao divino (CLAVAL, 2014) permite tomá-la como reflexo, meio e condição espacial e temporal das ações e criações humanas. A infinitudização da qual a imaginação é agente (KIERKEGAARD, 1979) só se pode expressar na festa, aqui reconhecida por sua capacidade de inversão de crenças e noções hegemônicas, pelo modo como os seres humanos reconhecem sua própria finitude, assim como dos limites que o mundo lhes impõe

enquanto experiência primordial de reconhecimento de si. Sendo assim, a imaginação do **Amanhã** dilata a existência dos festivaleiros na medida em que, a partir da assunção da experiência fundamental de cada um destes participantes de sua finitude, em função da limitação de seus mundos, permite a cada um deles, no extraordinário da festa, dirigir para o futuro, e para o sujeito que desejam **ser** no festival, as projeções de mundo que (imaginam que) são e nas quais se reconhecem. Seja para confirmá-las, confrontá-las ou, até mesmo, negá-las.

Para Bachelard (1998), a imaginação criadora revela-se como condição originária para que os fenômenos da construção do conhecimento, ampliação da realidade e criação artística se manifestem. A possibilidade dos sujeitos se compreenderem como **seres-no-mundo** se faz notar pela ação e potência da imaginação criadora. Desse modo, esta pesquisa se avizinha a uma premissa cara à geografia humanista cultural: os seres existem e se reconhecem no mundo a partir de uma geograficidade (DARDEL, 2011) transmutada em relações primordiais e viscerais vividas na concretude das experiências terrenas e, também, em função dos modos inventivos como se permitem sonhar, imaginar, criar e percorrer esses mundos em suas mentes. Cosgrove (2000, p.36) destaca a importância da imaginação ao defender que a mesma “desempenha um papel simbólico, capturando dados sensoriais sem reproduzi-los como imagens miméticas, metamorfoseando-os através de sua capacidade metafórica de criar novos significados”.

No decorrer das edições do “Tomorrowland” é possível perceber imaginações, sonhos e devaneios participando, até hoje, de complexos processos de construção de mundos e antecipação de experiências que podem vir a ser vividas – de modo único e imprevisível – durante os eventos geográficos festivos. O *teaser trailer* projeta a experiência

futura da festa, apresentada enquanto convite pelo vídeo, a partir de uma relação de intensa e constante conectividade partilhada entre organizadores do evento, produtores do *teaser*, espectadores e/ou futuros participantes do festival. Essa relação é construída pela significação que é conferida às imagens e mediada pelos sentidos que elas adquirem ao longo do processo. As imagens fornecem **trilhas emotivas** capazes de estabelecer elos de ligação entre pessoas, no caso os espectadores, e destas com um lugar que pretendem conhecer, bem como conexão com uma experiência que desejam vivenciar no **Amanhã**. Elas enlaçam pessoas entre si, pessoas aos seus sonhos e desejos e pessoas aos lugares no agora, pavimentando caminhos para que esses encontros possam ocorrer no futuro. E no presente no qual o tempo e lugar da festa são vividos em sua concretude existencial. A supramencionada estratégia de produção e divulgação de *teaser trailers* adquire função primordial nos objetivos pretendidos pela organização do festival. Atua como impulso, como choque gerador de estímulos. Contudo, a proposição aqui é considerar o vídeo, também, como experiência **ainda não (viv)ida** e, nem por isso, ainda por viver. Assistir as cenas permite projetar a imaginação rumo ao futuro. E a assunção da possibilidade de viver a festa em futuridade, já no presente de então.

Segundo Kierkegaard (1979) os indivíduos tornam-se, nas intercorrências de suas vivências e convivências, os únicos responsáveis em significar suas vidas, dotando-as de sentidos. O seminal pensamento existencial do filósofo refuta a noção de alma imutável, portanto sem movimento. E confere ao indivíduo a função de construtor de sua própria realidade, a qual se edifica, a cada instante, a cada escolha, em relação aos movimentos que vão sendo efetivados no campo das ideias e no campo das trajetórias espaciais capazes de conferir sentidos às suas vivências e movências, enquanto semiografam o espaço geográfico por onde passam.

### MOVIMENTANDO CORPOS FESTIVOS PARA/PELA TERRA DO AMANHÃ

Primeiro pela mente e pela imaginação dos espectadores do *teaser trailer* e, como consequência das demais estratégias de difusão do evento, o festival se oferece a ser, futuramente, percorrido pelos corpos dos participantes. O lugar imaginado, desse modo, se apresenta como espaço a ser desbravado para se tornar conhecido. E vivido. Pois, segundo Tuan (2013, p. 72) “o espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental [...] permanece aberto; sugere futuro e convida à ação.” Festivais como o “Tomorrowland” acionam a ideologia P.L.U.R.<sup>2</sup> em múltiplas dimensões. E essa ideologia ancora grande parte da complexa construção dos sentidos e significados do (que pode ser) vivido no encontro dos corpos festivaleiros no tempo-espaço destinado e dedicado ao festejar música eletrônica.

Mobilidades são fenômenos concretos. Ainda que não limitados à materialidade das **coisas** relativas ao movimentar-se espacialmente. O ato de colocar-se em movimento, utilizando os pés como meio para locomover-se, constitui-se como modo primordial de (re)conhecimento do espaço e significação do mesmo para os sujeitos nele imbricados. Daí resulta e exprime-se a geograficidade inerente à experiência de caminhar. Na esteira dos percursos que propiciaram a passagem do nomadismo ao sedentarismo, as múltiplas sociedades a habitar o mundo o fazem de modo a transformar o espaço

<sup>2</sup> “Em 1989, as *raves* chegaram aos Estados Unidos, sendo produzidas principalmente em cidades da Costa Leste. Numa dessas festas, que reuniu mais de 5 mil pessoas num galpão abandonado do Queens, um DJ chamado Frankie Bones, inspirando-se no espírito das *raves* inglesas, resolveu parar a música por alguns instantes e fazer um discurso. Falou sobre paz, amor, união e respeito, valores que mais tarde seriam resumidos numa palavra formada por suas iniciais em inglês: PLUR (Peace, Love, Union, Respect). Até hoje, *ravers* de todo o planeta usam as quatro letras para resumir as bases de sua cultura” (CHIAVERINI, 2009, p. 50).

geográfico da vida cotidiana em lugares simbólicos e significativos das experiências individuais e de vivências coletivas suficientemente capazes de serem experimentadas como momentos luminosos e memoráveis. A vida cotidiana transcorre em determinados ambientes, cuja terminologia aponta o conceito de lugar. Contudo, a **essência lugar** não se resume ou se limita a ambientes concretos. Lugar constitui-se como parcela integral da existência humana (HOLZER, 2011). E, em desdobramento, as festas e festivais, imaginados e vividos como lugar, se apresentam como engenhosas, criativas e potentes invenções humanas habilitadas a concentrar a concretude da experiência humana em um determinado lugar e tempo qualificado para os ritos festivos.

Os movimentos, iniciados e acionados subjetivamente, transformados em ações corporificadas que semiografam a Terra do Amanhã, revelam descontinuidades, irregularidades e desigualdades nos modos como indivíduos se relacionam entre si no espaço geográfico e como interação com lugares. Destas rotas incertas, erráticas, imprevisíveis e voláteis, emergem encruzilhadas existenciais onde e quando as escolhas por caminhos se elevam às escolhas por modos de **ser-e-estar** no mundo. A Terra do Amanhã é composta, também, pelos **acontecimentos** vividos nesses espaços descontínuos, no **entre-lugares**, nos trajetos entre palcos e áreas festivas onde o imponderável se apresenta e o imprevisto pode acontecer. Onde é preciso **estar** para **ser** parcela do todo que se anuncia como Cidadãos do Amanhã.

O festival, vivido e significado como lugar, apresenta-se, também, como pausa no movimento dos corpos de seus participantes. Ali, naquele lugar e tempo festivos, seus corpos interrompem, por alguns dias, suas trajetórias espaciais ordinárias. E compartilham das coordenadas geográficas pelas quais é possível localizar o festival onde o extraordinário pode (nos) **acontecer**. Entretanto,

ao se variar a escala de observação – e de envolvimento com – do fenômeno, percebemos que a referida pausa nos movimentos não significa ausência dos mesmos. Antes disso, são vividas espaço-temporalmente como encruzilhadas, onde e quando os participantes recobram os ânimos e recarregam-se de energia vital para seguirem em suas movências. Para além disso, o festival edifica-se como lugar onde e quando a experiência vivida, intensamente, nas transcendências e efervescências possibilitadas por festivais como o “Tomorrowland”, requer uma parcela de espaço qualificado – além de um tempo específico – para serem processadas. Sentidas. Examinadas. Avaliadas. E (re)significadas. Festivais imersivos, onde se é permitido acampar e onde participantes sujeitam-se a serem bombardeados por estímulos multissensoriais, fornecem ao conjunto dos participantes essas **janelas de oportunidade**. As festas, vividas em lugares espacialmente qualificados para recebê-las e dinamizá-las, são vividas como frestas pelas quais se é possível visitar o passado, significar o presente e vislumbrar futuros possíveis nas intercorrências e circunstancialidades do **acontecer festivo**; onde as ações, os movimentos pretéritos, presentes e futuros, são (re)visitados e (re)elaborados.

#### REFLEXÕES FINAIS

Ao compasso dessas reflexões, finais só ao cabo deste artigo, porque sempre seminal para nós, **Geografia e(m) movimento em terras festivas** é tema de nossas pesquisas pessoais, pretendido, inclusive, para tempos futuros. No acompanhamento de romarias e peregrinações, peregrinando, em terras ciganas, ao sabor do vento, na vibração dos toques de músicas eletrônicas, festejando, em espaços tornados lugares, pretendemos estar, e isso porque teremos ido, de

corpo e alma e mentes geográficas. Em comemoração, certamente, em movimento para fazer Geografia, saber de geograficidade e, provavelmente, mirando as páginas da Geograficidade.

Movimentar-se é essencial ao *ser* humano-geógrafo. Assim como o é conferir sentidos e significados às distintas e variáveis mobilidades empreendidas em suas interações no espaço e com os lugares. A perseguição pela interpretação de sentidos e significados que é a experiência de se deslocar geograficamente adquire para os indivíduos a eleição, intencional e consciente, do fenômeno das movências espaciais como **aquilo** que ora nos dedicamos a investigar. São os movimentos, assim como os motivos que os disparam e os significados que adquirem, os responsáveis por despertar nossos interesses pesquisadores. Eles aguçam curiosidades, presentificando-se a nós para serem apreendidos, enquanto fenômenos espacializados – portanto geográficos – que existem no mundo. Tornam-se, desse modo, enigmas em nossos pensamentos. Convém, no entanto, iluminar que os movimentos, em sua infinitude de possibilidades deambulatórias, se tornam categorias para nossas investigações porque assumimos os sujeitos no centro do processo de suas complexas e incessantes inter-relações com a Terra. Sujeitos com os quais, nos espaços-tempo festivos, os indivíduos destas pesquisas se envolvem.

Em toda caminhada há momentos de pausa. E aqui, neste lugar, nas páginas derradeiras deste nosso escrito, em uma Revista tomada e vivida como hiato em (nossos) movimentos, poderíamos nos lançar à busca do seguinte questionamento: teríamos, então, como medir a influência da geograficidade, da Geograficidade, e toda a trama de sentidos e atividades desenvolvidas na circunscrição da noção conceitual e da Revista, em nossas pesquisas? Em resposta, evitamos a ideia de medição. E optamos por **lugarizar** o vozeirão de João,

ressoando e reverberando por nossas mentes, exortando-nos ao movimento. Provocando-nos a rumar no sentido de uma abertura para **sentir** a geografia em nossos atos, escolhas e afetos. O estrondoso trovejar da saudosa voz joanina, o eco de seus passos pelos corredores da UERJ, o som metálico e distorcido de sua voz pelo megafone no Centro da Olímpica e Maravilhosa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (como ele insistia em dizer), reflete-se no título do artigo, cintila nos conteúdos de nossas pesquisas, assim como se estilhaça pelas seções desses textos e se aninha nas memórias que doravante repousam em nós.

Lugarizamos festas, pensamos e escrevemos sobre elas. E, assim, ambicionamos tornar festiva nossa homenagem ao professor João Baptista. Como festivos – e festejados pela comunidade – foram seus roteiros pelas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro. No simbólico 10º ano da Revista, João cumpriu sua **geograficidade**, deixando a Terra dos Homens, retornando a ela, encantando-se no lugar que venerou e geografou. Consultando notas em nossos cadernos de anotações do curso “Lugar e Simbolismo”, regressamos ao primeiro encontro. Justamente quando o professor nos indagou: “quem aqui não está buscando o seu lugar no mundo?” Possivelmente, João, do Rio, da UERJ, das ruas e das canções populares, esteja a caminho de um lugar só seu. Na Geografia, especialmente na perspectiva que foca o horizonte humanista, o lugar de João está garantido. E é COM-partilhado por seus colegas, orientandos, alunos e leitores. ☺

#### REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e o seu papel político no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 109-120, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, 2002.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHIAVERINI, Tomás. **Festa infinita**: o entorpecente mundo das raves. São Paulo: Ediouro, 2009.

CLAVAL, Paul. Terra dos homens: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, Paul. A festa religiosa. **Ateliê geográfico**, Goiânia: v. 8, n. 1, p. 06-29, 2014.

COSGROVE, Denis. Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia Cultural**: um século. v. 2. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

CRESSWELL, Tim. **On the move**: mobility in the modern Western world. London; New York: Routledge, 2006.

CRESSWELL, Tim; MERRIMAN, Peter (Ed.). **Geographies of mobilities**: practices, spaces, subjects. Farnham: Ashgate Publishing, Ltd., 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DA MATA, Sergio. **Chão de Deus**: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil, Séculos XVIII-XIX. Berlin: WVB, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. **Vortäge und Aufsätze**. Segunda Reunião de Darmstadt, Pfullingen, p.1-12, 1954.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

JACKSON, Peter. **Maps of Meaning**. London: Routledge, 1989.

KIERKEGAARD, Soren Aabey. **O conceito de angústia**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.

KIERKEGAARD, Soren Aabey. **Diário de um Sedutor; Temor e Tremor; o Desespero Humano**. Trad. Carlos Grifo; Maria José Marinho; Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MEDEIROS, Jéssica Cunha de; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. Nomadismo e Diáspora sugestões para se estudar os ciganos. **Revista Antropológicas**, Ano 19, v. 26, n. 1, p. 201-230, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NOVO, Cássio Lopes da Cruz. **Tomorrowland**: imaginações geográficas, corporeidade e a perspectiva experiencial do lugar festivo. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?**

Geografias e(m) movimento em terras festivas – pesquisas, comemoração e homenagem  
Cássio Lopes da Cruz Novo, José Arilson Xavier de Souza, Carliane Sandes

Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PINE II, Joseph; GILMORE, J. H. Welcome to the experience economy. **Harvard Business Review**, Julho-Agosto, 1998.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROSA AMARELA. Vem caminhar. **Youtube**, 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WOHuEpDBRoI&ab\\_channel=RosaAmarela-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=WOHuEpDBRoI&ab_channel=RosaAmarela-Topic). Acesso em: 01 de maio de 2023.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ; NEPEC, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. Lugar onde se pensam as ideias e se escreve sobre elas: memória e história do Nepec. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 33, p. 13-26, 2013.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. **Fogo no Mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro, Mórula, 2018.

SANDES, Carliane. **Espacialidade e Temporalidade em ser e estar cigano**: Santuário de Sara Kali, Arpoador, Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANDES, Carliane. Ciganos, peregrinos eternos nas estradas do mundo: Saint Marie de L' Mer é o seu lugar. **Arquivos do CMD**, v. 8, n. 1, p. 22-43, 2020.

SARAMAGO, Ligia. **Topologia do ser**: lugar, espaço e linguagem em Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Loyola; PUC-Rio, 2008.

SARTE, Jean Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 24ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Anelino Francisco da. **Festas geográficas de carnavais e eventos juninos e populares**. Natal: EDUFRN, 2013.

SOUZA, José Arilson Xavier de. **Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO. Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, José Arilson Xavier de. A geograficidade no caminhar de peregrinos. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 47-61, 2018.

St. JOHN, Graham. Goatrance Travellers: Psychedelic Trance and its Seasoned Progeny. In: KRÜGER, Simone; TRANDAFOIU, Ruxandra (Orgs.). **The Globalization of Musics in Transit**: Musical Migration and Tourism. New York: Routledge, p. 160-182, 2014.

TUAN, Yi-Fi. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

WRIGHT, John K. **Terrae incognitae**: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 418, 2014.

Submetido em outubro de 2021.

Revisado em março de 2022.

Aceito em maio de 2022.